



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS**  
**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**DIOGO RODRIGUES DA SILVA**

**GEOGRAFIA LITERÁRIA: DIMENSÃO DA PAISAGEM EM NATÉRCIA  
CAMPOS.**

**FORTALEZA**

**2025**

DIOGO RODRIGUES DA SILVA

GEOGRAFIA LITERÁRIA: DIMENSÃO DA PAISAGEM EM NATÉRCIA  
CAMPOS.

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado ao curso de graduação em  
Geografia da Universidade Federal do  
Ceará – UFC, como requisito para  
obtenção do grau de Licenciado em  
Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Vieira  
Cavalcante

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

S579g Silva, Diogo Rodrigues da.  
Geografia literária : dimensão da paisagem em Natércia Campos / Diogo Rodrigues da Silva. – 2025.  
29 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências,  
Curso de Geografia, Fortaleza, 2025.  
Orientação: Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante.

1. Paisagem. 2. Geografia literária. 3. Sertão. 4. Natércia Campos. I. Título.

CDD 910

---

DIOGO RODRIGUES DA SILVA

GEOGRAFIA LITERÁRIA: DIMENSÃO DA PAISAGEM EM NATÉRCIA  
CAMPOS.

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado ao curso de graduação em  
Geografia da Universidade Federal do  
Ceará – UFC, como requisito para  
obtenção do grau de Licenciado em  
Geografia.

Aprovado em: 06/03/2025.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Ma. Daiana de Andrade Matos  
Secretaria de Educação do Estado da Bahia

---

Prof. Esp. Yago de Mesquita Falcão  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

## **AGRADECIMENTOS**

Nesse encerramento de etapa eu não poderia deixar de recordar aqueles que estiveram comigo durante essa jornada. Em primeiro lugar, agradeço imensamente à Deus que tem me sustentado todos os dias e me ajudado a superar os momentos de dificuldade. Agradeço aos meus pais Angela Rodrigues e Jonaldo Serafim por me cuidarem e apoiarem. Relembro também os queridos professores do Departamento de Geografia, em especial Maria Edivani, Alexsandra Muniz e Tiago Cavalcante, que nesse tempo puderam me inspirar para o exercício da docência com excelência. Por fim, agradeço aos amigos feitos durante essa caminhada, aqueles com quem compartilhei momentos de aflição e de alegria que extrapolam os muros da universidade e que agora levo para a vida.

“O poder das palavras aqui emparedadas  
atravessa o silêncio e ressoam para mim  
as velhas histórias contadas e lidas à luz  
das candeias” (Campos, 1998, p.18).

## RESUMO

Com a finalidade de conceber as possibilidades entre geografia e literatura é que se escolheu a obra “A Casa” (1998) da escritora cearense Natércia Campos. Para aproximar as duas áreas do conhecimento foi escolhido o conceito geográfico de paisagem, com duas questões norteadoras principais: como a paisagem está concebida em “A Casa”? Como a obra de Natércia está atravessada por suas raízes? O caminho seguido para desvendar as questões foram: investigar o conceito de paisagem com ênfase na corrente da geografia cultural e humanista, conhecer as influências para os trabalhos da autora e por fim caracterizar as paisagens do “sertão-de-dentro”, espaço literário idealizado por Campos. O trabalho aponta a espacialidade e geograficidade do romance pautado em conceitos de autores como: Dardel (2011), Sauer (1998) e outros.

**Palavras-Chave:** Paisagem, Geografia Literária; Sertão; Natércia Campos.

## ABSTRACT

To explore the possibilities between geography and literature, the work "A Casa" (1998) by the Cearense writer Natércia Campos was chosen. To bring the two fields of knowledge together, the geographic concept of landscape was selected, guided by two main questions: How is the landscape portrayed in "A Casa"? How is Natércia's work shaped by her roots? The approach to address these questions included: investigating the concept of landscape with an emphasis on the cultural and humanist geography perspective, understanding the influences on the author's work, and finally characterizing the landscapes of the "sertão-de-dentro," a literary space idealized by Campos. The study highlights the spatiality and geographic nature of the novel, based on concepts from authors such as Dardel (2011), Sauer (1998), and others.

**Keywords:** Landscape, Literary Geography, Brazilian semi-aridbackcountry, Natércia Campos.



## SUMÁRIO

<b>1 APROXIMAÇÕES ENTRE LITERATURA E GEOGRAFIA .....</b>	<b>9</b>
<b>2 RAÍZES DO ESPAÇO LITERÁRIO NATERCIANO.....</b>	<b>13</b>
<b>3 DA PAISAGEM TRADICIONAL À HUMANISTA .....</b>	<b>16</b>
<b>4 AS PAISAGENS SERTANEJAS DE NATÉRCIA CAMPOS.....</b>	<b>21</b>
<b>4.1 A casa que se ergue no sertão .....</b>	<b>22</b>
<b>4.2 Relações subjetivas entre o homem e a terra .....</b>	<b>24</b>
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>29</b>

## 1 APROXIMAÇÕES ENTRE LITERATURA E GEOGRAFIA

Para conceber as possibilidades da geografia na obra de Natércia Campos, antes de tudo, é importante traçar um cenário de como a ciência geográfica passou a conversar (ou voltar a conversar) com a arte literária. Em um passado, a geografia e a literatura estiveram intimamente ligadas. Da antiguidade ao renascimento, as prosas literárias que compunham o acervo dos folclores estavam repletas de histórias e geografias dos povos de que elas pertenciam (Marandola; Oliveira. 2009.). Na atualidade, é na corrente da Geografia Humanista onde encontramos precedentes para o diálogo entre arte e ciência para compreender as subjetividades impressas nas obras literárias.

A Geografia Humanista surge em meio a um contexto de grandes transformações sociais. O olhar positivista e cartesiano cultivado até então, e que contribuiu para conceder a geografia a condição de ciência, já não era suficiente para abarcar todas as novas perspectivas de mundo que emergiram da vontade de diversificar os temas abordados e maneiras de fazer ciência. O movimento hippie contextualiza a busca pela ruptura com os padrões culturais e políticos do final dos anos sessenta, época em que era gestado o surgimento da geografia humanista como novo campo disciplinar dentro da geografia (Holzer, 2013). A década de 1970 foi marcada por avanço significativo na produção de trabalhos acerca da paisagem cultural, entendida como representação e reprodução de símbolos da cultura humana sobre o espaço, isso se deu pelo acentuado crescimento das cidades que fez com que a paisagem urbana se alterasse de forma extraordinária, despertando o interesse por entender aquele mundo produzido. (Baldin, 2021).

Assim, a volta do humanismo para a geografia chega com o intuito de ampliar a capacidade analítica desta ciência que por muito tempo, na busca por se obter legitimidade como ciência, reduziu sua capacidade de abordagem das mais diversas dimensões da vida humana (Marandola, 2005). Aprofundar-se na subjetividade da experiência humana sobre a terra em que se habita tornou-se então uma saída para confrontar a visão coletivista do cientificismo moderno que percorre o caminho da generalização dos fenômenos ao passo que se afasta das individualidades. Ainda assim, sem desprezar outras formas de produzir conhecimento, mas ao contrário, com o intuito de expandir seus horizontes, como diz Marandola (2005, p.409):

A subjetividade está na pauta do humanismo, como traz o enfoque fenomenológico. Este resgata o mundo vivido como escala e categoria de análise, permitindo a compreensão mais orgânica da relação homem-meio, através do conceito de lugar e o estudo da memória, dos símbolos e da identidade. Estes tornam esta relação mais viva e humana. Desloca-se o foco das macro-funções e macro-estruturas para os sentimentos e as relações, sem, contudo, ignorar tais macroprocessos. Não se trata de negar outras posturas metodológicas, e sim de enriquecer o estudo geográfico, adicionando a ele outras dimensões.

A Obra de Eric Dardel, “O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica”, publicada originalmente em 1952, por muito tempo ficou esquecida pelos geógrafos, já que os temas abordados pelo autor estavam muito à frente de sua época, quando redescoberta décadas depois “O Homem e a Terra” simbolizou um marco para o estudo em geografia, como uma mudança de paradigmas e posteriormente foi inspiração para elaboração dos trabalhos em geografia humanista dos autores fundadores dessa abordagem. Nesta publicação, Dardel inaugura uma interpretação do espaço geográfico através da sensibilidade humana, uma vez que a matéria que se configura em espaço geográfico exige a experimentação de valores como: alto, amplo, molhado, quente, distante, pesado, espesso, etc. (Davim, 2016). Para Dardel, apreender o espaço pela perspectiva fenomenológica exige do geógrafo um exercício de transposição da subjetividade da sua percepção em estilo poético-literário, capaz de desvendar as nuances da experiência do homem na terra. Aqui, a intenção do autor é a de fazer um resgate de uma Geografia existencial, ontológica e mítica. Anterior às limitações impostas pela configuração da geografia como ciência.

Geograficidade é o termo utilizado por Dardel para nomear aquilo que ele aponta já ser intrínseco a cada ser humano, e é a experiência humana, sua consciência, sentimentos e afetos intimamente ligados ao seu lugar no mundo ou as suas memórias, que ao serem transpostos em literatura, ou em Geografia Poética como também chama, é capaz de ser mais assertiva e reveladora do espaço por ter um caráter íntimo com o objeto (Davim, 2016).

A espacialidade descrita nas obras foi amplamente utilizada pelos geógrafos, principalmente para desvendar os espaços não conhecidos, entretanto, a mera descrição do espaço como elemento complementar não é a única possibilidade para a geografia literária, já que é na narrativa que são expressas as geograficidades das personagens/autores. A partir daí surgiu a possibilidade de apreender dos escritos literários novos aspectos geográficos. Tendo em vista que a geograficidade é uma

interpretação humana do espaço fundada no seu contato com ele, é possível extrair uma série de propriedades dessas narrativas, tais como evidenciam Marandola Jr. e Oliveira:

A partir dela (e não nela) os significados, o sentido dos lugares, as identidades territoriais, os sentimentos de desterritorialização e de envolvimento com o meio, a percepção da paisagem, os sentimentos topofóbicos e topofílicos (rejeição e afeição aos lugares), além dos símbolos e metáforas de natureza espacial e telúrica tornaram-se foco do estudo geográfico de obras literárias. (Marandola Jr; Oliveira. 2009, p. 495)

Assim, mesmo nas obras de autores não geógrafos é possível desvelar a geografia presente em seus textos. Cavalcante (2020), em uma sistematização de visões de autores a respeito das possibilidades da geografia literária, destaca o que há de comum na investigação das obras literárias com a intencionalidade de desvendar suas geografias: o revelar das espacialidades e das geograficidades. Ao primeiro termo o autor confere a forma de organização do espaço nas obras, suas origens, ambientes físicos e sociais, suas ideologias e costumes. Já a geograficidade é atribuída às relações que os personagens mantêm com o ambiente, seus símbolos e suas afetividades desenvolvidas com e no espaço.

Corroboramos com geógrafos como Wright (2014), Lowenthal (1985) e Claval (2010), que outras geografias podem ser descortinadas a partir do olhar de geógrafos não profissionais, de sujeitos que de um modo ou de outro também contam o mundo a partir de suas vivências e experiências (Cavalcante, 2020, p. 196).

Cavalcante (2019) procura revelar a Geografia Literária em Rachel de Queiroz através de alguns caminhos que possuem abordagens distintas de acordo os objetivos pretendidos, estes caminhos são divididos pelo autor em três pontos que vão estruturar a sua busca pelas geografias de Rachel. O primeiro caminho foi desvendar as geografias pessoais da autora, suas origens e como elas influenciaram na sua obra. Em segundo lugar, investigou documentos relacionados com a geografia que a escritora teve contato durante a vida e a obra que ela escreveu, a geografia telúrica de Rachel. Por último, se dedicou a relacionar os espaços descritos por Rachel com as narrativas dos personagens de sete romances publicados pela escritora, objetivando explorar as espacialidades e geograficidades impressas nas linhas.

As possibilidades de aproximação entre geografia e literatura são diversas, desde o uso de textos literários como documentos para a análise de espaços geográficos desconhecidos, a apropriação da estética da escrita literária feita pelos geógrafos objetivando a possibilidade de uma escrita mais criativa do texto científico, até a

concepção da arte literária como meio pelo qual é possível transmutar em texto perspectivas do espaço e visões de mundo de quem escreve. (Tuan, 1978, p.195, apud Marandola; Oliveira, 2010, p.132).

Por um caminho próximo ao aqui discutido, o trabalho posto pleiteia revelar as geografias possíveis na obra da escritora cearense Natércia Campos, nesse sentido, é na última perspectiva que o trabalho aqui apresentado pretende se apoiar, fazendo duas indagações principais: como a dimensão do espaço, em especial o que diz respeito a paisagem, está concebida no o romance publicado por Natércia? e como sua escrita é atravessada por suas raízes?

O trabalho se configura como uma pesquisa analítica da presença da dimensão do espaço no primeiro romance e último livro publicado pela autora: “A Casa” (1998). A proposta de interpretação dos textos, bem como sua relevância para pensar a geografia nas artes, é de natureza qualitativa e se ampara na fundamentação dos referenciais bibliográficos consultados.

## 2 RAÍZES DO ESPAÇO LITERÁRIO NATERCIANO

O título do primeiro livro da autora, “Iluminuras”, faz referência a técnica medieval de decorar obras literárias com ilustrações de cores pujantes e letras cheias de arabescos, comumente feitas artesanalmente por monges católicos dentro dos altos muros dos mosteiros da Europa medieval. O próprio título de sua primeira obra revela o fascínio que Natércia tinha por incrementar em suas histórias referências das suas árduas pesquisas de cunho histórico, social, cultural e antropológico e de suas origens (Chaves; Silva, 2022).

O trabalho de Natércia exigia dela um esforço desmedido, seu estilo de escrita a configura como verdadeira artista que, quase que artesanalmente, ia construindo suas histórias como quem costura retalhos, primeiro criando a base depois incrementando referências que enriqueciam suas histórias de cultura popular, crenças e superstições que iam sendo costuradas ao enredo tornando seus livros verdadeiras coletâneas de tradição oral traduzidas para a arte literária.

A sensibilidade dos literatos frente ao mundo que os cerca dão a eles a capacidade de traduzir a realidade das coisas, reimaginando os acontecimentos, os espaços e as paisagens. Isso infere que por mais fantástico que seja o universo criado pelos escritores há uma base no mundo material em que o autor se inspira e transpõe para as suas páginas. Todo escritor é um recriador de mundos, com isso eles tem o intuito de tornar a complexidade do mundo melhor compreendida pelos seus leitores, bem como afirma Cavalcante (2019, p. 22):

A geografia e a literatura, em particular, devem ser compreendidas como maneiras do homem (d)escrever o mundo, tornando-o inteligível, mesmo que para isso tal mundo precise ser (re)construído, (re)elaborado, (re)criado.

Natércia traz consigo uma rica bagagem de conhecimento e expressa em texto aquilo que já é inerente a ela. Com o uso da palavra “conhecimento” se pretende falar além da sua erudição, mas de toda a sua formação como pessoa e o seu ser telúrico. Sobre o seu imaginário e seu processo de criação escreve:

Meu imaginário é um mundo tão presente como o mundo real, do dia-a-dia. Semelha-se às plantas aquáticas que flutuam nos rios, sem raízes, levadas pelo vento...Mas, no entanto, são seguras e perenes na sua trajetória como se estivessem presas na própria água.(Neto, 2004, p.281)

O objetivo da literatura não é descrever fielmente as paisagens reais do nordeste brasileiro, mas através do lúdico e do poético ela constrói um mundo pautado naquilo que lhe é intrínseco, calcado no mundo real, mas (re)imaginado.

Natércia é cearense de Fortaleza, filha do renomado contista Moreira Campos, autor de “Dizem que os cães veem coisas”. Nasceu no dia 30 de setembro de 1938, cresceu em uma casa localizada na Praia de Iracema. Oficialmente, começou a sua jornada como escritora já tardiamente aos 49 anos quando publica seu primeiro conto “A Escada” de 1987, partiu cedo, aos 65 anos de idade no ano de 2004, e embora seja curta a sua lista de publicações ela presenteou a literatura brasileira com significativas contribuições, sobretudo para a representação do sertão nordestino na literatura.

Embora tenha nascido longe do interior do estado, em seu “sertão-de-fora”, como a própria autora nomeia seu lugar na Praia de Iracema, Natércia estabelece fortes conexões com o sertão, e escreve em suas páginas algo que ela mesma chama de “sertão-de-dentro”, este novo espaço inaugurado na literatura brasileira é diferente do sertão caricatural até aqui constituído pelos romancistas de estilos literários anteriores, é um sertão contado pela voz da cultura popular, das crendices e da tradição oral. Mas como poderia uma cearense tão urbana escrever com tanta propriedade um sertão tão autêntico quanto o de “A Casa”?

Contudo, inquestionavelmente, é Luís da Câmara Cascudo, folclorista, antropólogo, historiador, advogado e jornalista potiguar, sua influência maior. Ele lhe apresenta um sertão não caricatural, para além daquele quase sempre constituído pela imagem da seca e estereotipado pela abrangência da miséria, e que é tão somente parcela da realidade, ou seja, fragmento, parte que não reflete, necessariamente, o todo, mas que acaba sendo recontada e reinventada ao longo da história para expor essa região do Brasil – o sertão nordestino. (Chaves; Silva, 2022. p. 98)

Câmara Cascudo foi apresentado à Natércia pelo seu tio Hildebrando Espínola, que a presenteou com o “Dicionário do Folclore brasileiro”, obra que, segundo a própria autora, em discurso de posse na Academia Cearense de Letras, lhe serviu como bússola para a construção desses mundos (re)imaginados:

Foi, no entanto, muito depois que descobri o mundo mítico dos longínquos sertões-de-dentro, bem distante do meu sertão-de-fora, a Praia de Iracema, onde nasci. Devo este meu deslumbramento ao meu tio e compadre querido, Hildebrando Espínola, jornalista, professor, sociólogo e bibliófilo. Ele me pôs nas mãos o “Dicionário do Folclore Brasileiro”, de Luís da Câmara Cascudo. Foi esse livro a minha bússola. Com ele segui como os antigos pastores da Mesopotâmia que se guiavam pelas estrelas e por elas sabiam dos

caminhos da terra. [...] Meu primeiro livro, de nome “Iluminuras”, foi a ele dedicado: ‘Para o Mestre Luís da Câmara Cascudo, minha magia e meu real’ (Campos, 2001, p. 227 - 228).

A sua ascendência sertaneja é guiada pelos escritos de Câmara Cascudo para escrever uma ilustração do sertão nordestino. Para além disso, é possível identificar a influência da transculturalidade da sua obra, que, parafraseando Chaves e Silva (2022), produziu um “sertão medieval” na obra naterciana, espaço narrativo fortemente influenciado pelas origens da família de Natércia. Saraiva (2010) nos revela que o personagem primeiro de ‘A Casa’, aquele que é o princípio para a realização da narrativa, é inspirado no avô de Natércia, o imigrante português Francisco José Gonçalves Campos saído das terras de Entre-Douro e Minho.

As origens lusitanas e sertanejas cearenses de Campos, justificam a amálgama cultural na constituição de seu espaço narrativo que frequentemente é retomado em sua obra.



### 3 DA PAISAGEM TRADICIONAL À HUMANISTA

É oportuno discutir aqui a importância da paisagem como conceito basilar da pesquisa em geografia, assim como sua evolução e as problematizações levantadas no decorrer do tempo por geógrafos de correntes diversas. O intuito é que esse caminho leve até a visão da geografia humanista sobre este conceito, corrente na qual estão situadas as discussões da geografia literária, em foco nos aspectos das paisagens sertanejas que estão constituídas na obra de Natércia Campos.

Antes de ser apropriada pela ciência, a paisagem já interessava aos artistas renascentistas, pioneiros na reprodução das paisagens a partir da perspectiva, luz e sombra que conferiam mais realismo à suas obras. Ao longo do desenvolvimento do conhecimento geográfico, a paisagem se consolidou como conceito-chave para as problematizações da referida ciência. Houveram críticas ao uso da paisagem na pesquisa socioespacial com alegações sobre a ocultação da realidade das coisas e da insuficiência deste conceito para a análise do espaço geográfico em contraponto a isso, também foi formulado que há significações humanas profundamente contidas na paisagem que são invisíveis aos olhos. (Duncan; Duncan, 2008, p. 89) abrindo assim, cada vez mais a gama de possibilidades para o uso do conceito nas indagações de cunho científico.

O termo paisagem pode obter significados diferentes a depender do contexto em que está empregado, a paisagem está presente em muitas formas de linguagem como na pintura, na música, na fotografia e até mesmo na literatura. Mas é na geografia que o termo alcança valor científico, conferindo a ele a possibilidade de se tornar um eixo de investigação, em que é se pode analisar a relação do homem e natureza através dos sentidos (Troll, 1997, p.02 apud Barbosa; Gonçalves, 2014, p.93).

Apesar de, na contemporaneidade, o sentido de paisagem ser amplamente usado para se referir a um recorte específico no tempo e no espaço, nem sempre o termo paisagem teve o mesmo significado, pelo caminho da evolução semântica da palavra *paisagem* é possível localizar a origem latina do termo: *pagus*, que, mais tarde derivou palavras correspondentes em outras línguas, sendo elas: *paese*, *país*, *pays* e *land*, ambas com significado se referindo a uma porção da terra ou ao território de um país, esses prefixos ganharam complementos que elaboraram o sentido moderno das palavras, que se transformaram em: *Paesaggio*, *paisaje*, *paisagem*, *paysage*, *landschaft*, *landscape*. (Maciel; Lima, 2011)

Foi apenas na Alemanha do século XIX que a paisagem foi desenvolvida como conceito para a geografia, um dos precursores da geografia como ciência foi Alexander Von Humboldt, que em suas viagens através do globo teve a oportunidade de distribuir para o continente europeu grande volume de conhecimento que adquirira em suas viagens por continentes até então pouco explorados pelos seus pares. O alemão e naturalista romântico estava interessado no desvendar das relações estabelecidas entre os elementos da natureza e os fenômenos que estes produziam, para tal, Humboldt desenvolveu um procedimento muito centrado na descrição dos elementos através de ilustrações combinadas com textos descritivos, replicando o que disse Antônio Carlos Robert Moraes em seu livro “Geografia: pequena história crítica”, Barbosa e Gonçalves (2014, p. 97) escrevem:

A partir do empirismo, Humboldt propunha ao geógrafo contemplar a paisagem de uma maneira quase estética, o que, concomitantemente, acarretaria para o pesquisador uma observação sistemática dos elementos, que a partir de um raciocínio lógico traria as concepções referentes à paisagem observada.

Robert Moraes, aponta uma característica dos primórdios da geografia científica, que é o caráter intensamente descritivo, assim como o próprio uso da paisagem como ferramenta conceitual de investigação do espaço nesse período. Essa fase foi fortemente influenciada pela estética das artes, especialmente a pintura e a literatura, valorizando o empirismo do observador, buscando posteriormente uma explicação sistemática da paisagem, uma visão holística do mundo, a simbiose entre os elementos naturais e o homem.

Por muito tempo a geografia tradicional foi utilizada como instrumento de validação dos territórios, os recém criados Estados Nacionais precisavam conhecer sua terra para impor sua dominância e os seus limites territoriais perante os seus vizinhos, evocando nacionalismo e identidade pátria, foi com essa finalidade que a descrição regional foi largamente utilizada pelos geógrafos clássicos, o intuito principal era o de diferenciação de áreas e agrupamento de zonas com características semelhantes entre si. No período conhecido como tempo das escolas nacionais, que se estendeu desde o fim do século XIX até a década de 1950 do século XX, a geografia se estabeleceu como “a ciência natural das paisagens e das sociedades”. (Claval, 2006. p.80). Foi na noção da diferenciação de áreas que a geografia se consolidou na ciência, afinal, afirma Roberto Lobato Corrêa, não haveria sentido em se estudar geografia se o mundo que nos cerca

fosse homogêneo, são nas particularidades que se encontram as justificativas para se fazer geografia:

[...] subjacente a todos os paradigmas há um denominador comum: a geografia tem suas raízes na busca e no entendimento da diferenciação de lugares, regiões, países e continentes, resultante das relações entre os homens e entres estes e a natureza. Não houvesse diferenciação de áreas [...] certamente a geografia não teria surgido” (Corrêa, 1987, p. 8).

Elevada ao nível de ciência sistematizada e positivista, a geografia passou a renegar as subjetividades da experiência humana na terra, Besse (2011), ao comentar o pioneirismo dardeliano no uso da fenomenologia para estudos em geografia, denuncia a redução do mundo a mecanismos engessados criados pela ciência moderna, contrapondo a isso a ideia de uma explicação do mundo exterior através da apropriação deste mundo a nível de fenômeno, evocado a capacidade da sensibilidade do homem frente ao mundo que a ele se apresenta (aparências):

No fundo, quem tem razão? A ciência - o entendimento que analisa -, ou as aparências sensíveis que preenchem o olhar com seu aspecto imediato? Há manifestamente, para Dardel, uma verdade nas aparências, porque elas não são ilusões, mas a *fisionomia* do fenômeno. Ora, a essa filosofia só se pode aceder a partir de um encontro estético. A análise de Dardel o conduz a uma posição quase romântica: a sensibilidade torna possível o acordo, a reconciliação, do homem com o próprio movimento do mundo, expressão de uma alma sempre obrigada ao segredo. Bachelard experimentará mais tarde a mesma admiração que Dardel diante do poder de impacto da imagem poética, que além de toda relação de causalidade, e também sem os recursos possibilitados pelas lições do pensamento científico, reúne o mundo e o homem, o homem e o homem, numa brusquidão “flambada do ser”. (Besse, 2011, p. 118)

Nesse momento a paisagem deixa de ser apenas uma imagem que pode ser observado dada certa distância entre o observador e o objeto ou uma justaposição de elementos e passa a denotar a existência humana na terra, o meio pelo qual sua existência é possibilitada, suas relações com a natureza e a realização do homem no mundo em que habita (ser-na-paisagem), ele passa a fazer parte da paisagem ao tempo que a (re)produz:

Esse exemplo prova que a paisagem não é, em sua essência, feita para se olhar, mas a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser com os outros, base de ser social. Nos países da morte lenta, a fome impõe sua presença lúgubre e obsessiva à paisagem inteira. Tal é o caso da região brasileira do “Nordeste Açucareiro”, onde as carências alimentares causam uma mortalidade verdadeiramente assustadora, passando de 300%: “A morte domina todo o Nordeste. Ela está sempre presente. plaina sobre cada paisagem. Faz parte da vida”. (Dardel, 2011, p.32)

Paisagem para Dardel é momento vivido, é por meio dela que o homem é inserido no mundo, e é por ela que sua existência se justifica, ao tempo que a paisagem está tomada pelo homem. Todo ser humano existe sobre determinado espaço, que o afeta e é afetado por ele, a paisagem denota a presença do homem, mesmo que isso signifique a sua ausência, é onde o homem realiza a sua existência: percebendo, sentindo e atribuindo significados aos lugares (DARDEL, 2011).

Por muito tempo a paisagem foi considerada como tudo aquilo que pode ser abarcado pelo olhar e estava muito vinculada ao sentido da visão (Baldin, 2021), entretanto, na geografia o conceito ganhou outros contornos, em especial com a geografia cultural. Claval, ao falar do caráter da ciência geográfica cita outras possibilidades para se apreender a paisagem: A Geografia fala “das formas, das cores, dos cheiros, dos sons, dos ruídos” não estando mais restrita somente ao que os olhos podem captar (Claval, 2011, p. 158 apud Miranda, 2015, p. 20). Com o advento da geografia cultural, que concebe as significações humanas expressas na paisagem em forma de símbolos e signos, a ciência geográfica se renova mais uma vez.

Discutindo a fenomenologia geográfica de Eric Dardel, Holzer (2001), relembra que por muito tempo o pioneirismo do autor foi deixado de lado por ser incompreendido ou por estar fora da preocupação acadêmica dos seus contemporâneos, a fenomenologia como método geográfico ressurgiu no contexto da virada cultural da geografia na década de 1970 nos Estados Unidos. Relph, foi um dos expoentes pioneiros no uso do método fenomenológico para estudos em geografia, quando se aproxima da epistemologia de filósofos existencialistas como Karl Jaspers e Martin Heidegger, fundadores da fenomenologia: corrente filosófica que estuda a experiência consciente e a maneira como os fenômenos se apresentam à nossa percepção (Holzer, 2001. p. 142) Próximo de Relph, Carl Sauer, foi um dos poucos geógrafos da vertente cultural que, nessa época, se interessaram pelo uso do método. Como representante da corrente cultural, Sauer concebeu uma definição interessante para o conceito de paisagem:

A paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural é o resultado. Sob a influência de uma determinada cultura, ela própria mudando através do tempo, a paisagem apresenta um desenvolvimento, passando por fases e provavelmente atingindo no final o término do seu ciclo de desenvolvimento. (Sauer, 1998. p. 59).

Carl Sauer, possui uma visão culturalista da paisagem, isto é, para ele, o homem se relaciona com a natureza através da sua cultura, dessa forma uma paisagem é formada, o autor descreve a cultura como agente de transformação da paisagem, e ressalta a importância da interação entre o homem e o meio, que através do tempo podem ganhar novos contornos.

A virada cultural da geografia nos anos 1970 abriu precedentes para se pensar o espaço para além da sua dimensão material. Yi Fu Tuan, geógrafo Sino-Americano, elaborou o pensamento de que existe uma convergência entre o *eu* (indivíduo), a *arte* (representação) e o *lugar* (espaço vivido). Portanto, a *arte* se configura como meio pelo qual o “eu” pode traduzir a sua existência, que por sua vez, é transpassada pelo “lugar”. Essa conexão de elementos é reveladora da experiência de “ser-no-mundo”. (Marandola; Oliveira, 2009, p.489) Conclui-se, ainda que, na vertente Cultural/Humanista da geografia é possível encontrar justificativa para investigar a importância do elemento espaço/paisagem na literatura.

#### 4 AS PAISAGENS SERTANEJAS DE NATÉRCIA CAMPOS

Estabelecer contato com textos literários e buscar neles a dimensão espacial é um exercício que requer atenção, as obras estão repletas de intenções e sentimentos, possuem mensagens e refletem experiências e visões de mundo. Nesse sentido, compreender a representação da paisagem sertaneja elaborada por Natércia Campos é entender a relação que ela mantém com o mundo. Ida Alves (2018), reflete que as paisagens literárias são resultado do domínio da palavra que os literatos possuem para imprimir seu olhar em forma de texto.

Na literatura brasileira, o período do romantismo (1836-1881), possuía um discurso fortemente nacionalista e estava comprometido com a conformação de uma identidade nacional para o Brasil, dentre os representantes desse período estão: os romances indianistas “O Guarani” e “Iracema” de José de Alencar. “A Escrava Isaura” de Bernardo Guimarães e “As Primaveras” de Casimiro de Abreu. O Modernismo, período que corresponde a boa parte do século XX, rompeu com as ideias simplistas de ideais nacionalistas reducionistas e fez uma aproximação da realidade com a observação espacial e a denúncia social, temas como a seca e a miséria do homem nordestino eram recorrentes nas produções literárias de cunho regionalistas, principalmente no Norte e Nordeste, e estão representadas em obras como: O Quinze de Rachel de Queiroz, Vidas Secas de Graciliano Ramos e Os Sertões de Euclides da Cunha. Obras representativas da experiência espacial dos seres humanos nos rincões do país. (Alves, 2018. p. 23).

Campos, compõe um novo olhar para o sertão até então criado na literatura brasileira. É com raízes nas suas influências bibliográficas, a exemplo do Dicionário do Folclore Popular de Câmara Cascudo e na sabedoria popular advinda do seu seio familiar, tão lusitano quanto cearense, que ela cria um “sertão-de-dentro”, como ela mesmo nomeia o cenário e narrativa de seus escritos, um espaço telúrico perdido com o apagamento da memória da sabedoria popular.

É com Cascudo guiando-a através da sua vasta bibliografia, e com o auxílio da sabedoria repassada no seio familiar dos seus ancestrais, que Campos apresenta-nos, a partir de sua obra, um novo espaço na literatura nacional, ao que ela por bem denominou, no seu discurso de posse na Academia Cearense de Letras – ACL, de “sertão-de-dentro”. Esse “sertão-de-dentro” não se inaugura, nem tampouco se finda somente na e pela obra naterciana. Nela, no entanto, apresenta-se engenhosamente, tornando-se mais evidente, provocando parcial ruptura com o até então espaço sertão representado por uma tradição literária. (Chaves; Silva, 2022, p.98)

Procurando traçar um panorama geral de como estão configuradas as pesquisas em geografia literária, Eduardo Marandola Júnior e Livia de Oliveira (2009), agrupam as pesquisas realizadas até aquele momento em alguns segmentos, de acordo com os focos de suas investigações, estes trabalhos podem ser divididos em dois grupos com ênfases distintas: o primeiro com pesquisas voltadas para as *espacialidades* nas obras literárias (Conteúdo geográfico das obras, espaço telúrico e imaginação da matéria.) E a segunda abordagem voltada para as *geograficidades* das personagens e dos autores (Percepção e experiência ambiental, paisagens vividas e significadas). Para se debruçar pelas paisagens natercianas seguimos pelos dois caminhos, primeiro caracterizando as paisagens sertanejas e depois traçando as relações telúricas entre personagens, narrativas e meio ambiente.

#### **4.1 A casa que se ergue no sertão**

A Casa, narradora onisciente que dá nome ao primeiro romance de Natércia, é um ser inanimado antroporformisado estrategicamente pela genialidade de sua autora, para que, muito além de servir de cenário, valesse como fio condutor dos conflitos que se desenrolam dentro de suas paredes. Centenária, a residência da família conhece o mais íntimo de seus moradores, e através do tempo revela os segredos mais obscuros testemunhados por suas paredes.

Seu primeiro morador, um imigrante vindo das distantes terras do Minho, província histórica da região norte de Portugal, é quem funda seus alicerces. Agora, longe de suas terras ele se estabelece em um sertão ainda sem nome, com localização indefinida e muito oposto a sua terra natal. Os sertões de Natércia aos poucos ganham forma, cor, nome e passam a ser parte fundamental da essência de seus moradores ao ponto de ser impossível desassociar os enredos dos seus personagens aos típicos conflitos historicamente enfrentados pelas populações do sertão nordestino. Tramas familiares são universais, mas a história de “A Casa” não seria a mesma se não se passasse nas paisagens do semiárido nordestino e se houvesse sido escrita sem as referências de Natércia.

A dimensão da paisagem no romance é elemento central das histórias que transcorrem as páginas da obra naterciana, desde seus primeiros livros a autora já valorizava a ambientação de suas histórias. Aqui, as paisagens não servem apenas de cenário, mas são elemento fundamental na narrativa e caracterizam o estilo literário da

autora que, se preocupa minuciosamente e dá atenção especial na construção da descrição da terra dos seus personagens, conferindo realismo a sua obra e identificação em seus leitores.

O casarão imperial se ergue em meio a um sertão até aqui inexplorado e então é constituída uma paisagem cultural intimamente associada à natureza do lugar onde está inserida, a casa é a representação da simbiose homem-natureza que a autora tanto valoriza. A casa ganha vida quando uma pedra de lioz é fincada em sua soleira: “Fui tocada pelo sopro da vida quando foi colocada a pedra de lioz da sagrada soleira que doravante protegeria meus domínios familiares”. (Campos, 2004, p. 9) a escolha da autora pela pedra de lioz como elemento que daria início a toda a trama não é por acaso, o lioz é uma rocha calcária que ocorre em Portugal na região de Lisboa e seus arredores, a escolha por um elemento de origem portuguesa para ter uma função narrativa tão importante é representativa dos elos familiares e influências lusitanas da autora que se fundem com as suas raízes nordestinas em uma hibridização que conformam a sua paisagem literária.

Quando é cravada na casa, a pedra de lioz, elemento estrangeiro vindo de terras tão distantes, se encontra com materiais nativos que constituem a construção da habitação. Natércia, não mede esforços para descrever as matérias-primas que constituem pisos, paredes e teto. A própria casa é quem dita sua construção e é através dela que conhecemos a natureza daquele lugar, um recurso narrativo para ambientar as paisagens de um romance sertanejo.

A edificação da casa pode ser considerada o que se conhece como arquitetura vernacular, pois incorpora materiais e recursos do próprio ambiente onde a edificação está inserida, além disso, apesar de ser construída aos moldes das moradias europeias, se adapta às condições da natureza vigente, a exemplo do trecho em que fala da circulação dos ventos, tão importante para que seus habitantes não sucumbam as elevadas temperaturas do semiárido: “Tenho o pé-direito bem alto, o que ajuda muito os ventos em sua missão de arejo”.(Campos, 2004, p.8).

Mais tarde, o sertão sem batismo ganha o nome de Trindades, apesar de ser um mundo imaginado é possível conceber as bases materiais para este lugar, na descrição de seu madeiramento a narradora inanimada dá pistas da natureza que a cerca descrevendo tipos de espécimes endêmicos da região do nordeste brasileiro e a expertise do entendimento dos povos originários na utilização do meio como recurso para uso confecção de ferramentas:



As madeiras de lei duras e pesadas com que me construíram até a cumeeira têm o cerne de ferro, de veios escuros, violáceos e algumas mal podiam ser lavradas. Todas elas foram cortadas na lua minguante para não virem a apodrecer e resistirem, mesmo expostas ao tempo: o estipe das carnaúbas, os troncos do jucá, os da ibiraúna, a braúna, madeira preta dos índios fechada à umidade por ser impregnada de resinas e tanino. Usaram o pau-d'arco rígido e flexível, daí sua força nos vigamentos e arcos indígenas; as linhas foram feitas de aroeira-do-sertão - árvore da arara, onde esta pousa e vive -, do angico das raias castanho-negro de tronco rugoso parecendo trazer nele incrustadas pequeninas ostras, do sabiá-piúga de casca da cor da plumagem desse pássaro. Das chapadas profundas do sertão veio o pau-branco, de tronco da cor da prata acinzentada a clarear a mata onde vive o oloroso, preservado e incorruptível cedro de porte nobre. (Campos, 1998. p. 7)

A utilização do recurso natural endêmico da região, aliada a técnica portuguesa com adaptações às características locais, concebe uma arquitetura vernacular que constitui uma paisagem cultural. A vista disso, corrobora-se com Sauer (1998) quando diz que a paisagem cultural é o resultado de um encontro entre a cultura de um povo e o meio modificada pelo tempo.

Nem mesmo a paisagem dos sertões fictícios resistem a ação do tempo, a própria casa sofreu muitas modificações com o passar das gerações, mas nem mesmo os ermos sertões do começo do romance são iguais aos do final: “o sertão não era mais a vastidão de terras sem limites, começara a ser demarcado com cercas e arames farpados (...)” (Campos, 1998. p.84).

#### **4.2 Relações subjetivas entre o homem e a terra**

A geograficidade do homem sertanejo do Nordeste sempre esteve muito ligada à sua resiliência para com as condições adversas dessas paisagens tão hostis, Dardel (2011) fala que a paisagem é a inserção do homem no mundo e que ela é um lugar de combate pela vida, tão verdadeira é essa afirmação para o nordeste brasileiro que o geógrafo francês usou a região como exemplo de “países de morte lenta” onde “a fome impõe sua presença lúgubre e obsessiva à paisagem” (2011, p.32).

A fome no sertão nordestino, incansáveis vezes denunciada pela literatura brasileira, tem princípio na insegurança hídrica da região que possui elevadas taxas de evapotranspiração relacionadas às suas altas temperaturas, as precipitações são concentradas sazonalmente, com chuvas concentradas na quadra chuvosa que dura de 3 a 5 meses enquanto a estação seca é maioria no ano, podendo durar de 7 a 9 meses (Zanella, 2014, p.130).

Em “A Casa” a aflição da seca é contada de forma poética pelo Solar Colonial que vai aos poucos percebendo a chegada dos maus presságios e sentindo a ausência dos seus moradores que o abandonam em êxodo:

Tive a sensação de que ia me tornando volátil, envolvida pela modorra, não percebendo que todos já partiam em êxodo. Trancaram-me portas, janelas e o vento esgueirou-se sorrateiro apagando os rastros dos que se foram. Longo foi o tempo sem chuva e de estranha solidão de sons, pios e vozes. As cigarras eram as únicas a continuarem a cantar, chamando o sol e provocando o sono. Os vaga-lumes apagaram-se na Grande Serra, e quando isto ocorreu, soube que foi abandonada. Uma janela abriu-se para os ventos-cerceados que entraram quentes e buliçosos pelos cômodos e, ao saírem, deixaram a bandeira de uma janela a bater caixilhos, desassossegando o silêncio. (Campos, 1998. p.23)

Nas palavras de Saraiva (2010): “O sertão cearense na narrativa de Natércia se constrói não somente pela descrição da área física, mas pela presença do homem e da mulher do Ceará”. A forma encontrada pelas personagens para lidar com as adversidades da natureza se constitui no apego ao sagrado associado ao conhecimento telúrico. Natércia, reconta as tradições trazidas de “além-mar” para estas paragens. Ansiosos pela chuva, os sertanejos fazem preces, previsões e leem a terra a fim de se antecipar:

Os homens demoraram a infligir aos seus santos os maltratos de colocá-los ao relento, expostos à ardência e calor do sol para melhor sentirem o horror da sede, do flagelo da seca. Quando isso aconteceu, já haviam assimilado as superstições de além-mar e faziam romarias para irem molhar os pés de um santo cruzeiro meio-dia, já que “a chuva é Deus que manda!”. Se ela não caía, era castigo infligido por não respeitarem as leis divinas. Desde aí a colocação de seis pedrinhas de sal expostas e alinhadas ao relento no final do dia, véspera de Santa Luzia, a representarem os seis primeiros meses do ano. Na manhã seguinte, antes do sol esquentar, se as pedrinhas de sal não chorarem, é presságio de seca e, naquele ano, nenhum se transmutar em aljôfar, em lágrimas. (CAMPOS, 1998. p. 14)

A tradição retratada por Natércia de prever a quadra invernosa através de pedras de sal no dia de Santa Luzia, 13 de dezembro, remonta a península Ibérica, e é mais um exemplo da hibridização de culturas que compõem o mosaico que forma o sertão nordestino. Fora da ficção, ao caracterizar o homem do nordeste frente às adversidades, Manoel Correia de Andrade retrata em seu clássico da geografia brasileira: “O homem e a Terra no Nordeste”, uma variação muito próxima a essa tradição:

Assim, preocupando-se com uma possível seca, o sertanejo está sempre às voltas com "experiências" e previsões sobre as possibilidades de chuvas nos anos que virão. Para estas "experiências" o dia de Santa Luzia (13 de

dezembro) é o mais importante, uma vez que o tomam como ponto de referência para o mês de janeiro do ano seguinte, e os dias que se seguem aos outros meses; (assim o dia 14 é fevereiro, 15 é março, 16 é abril e assim por diante até o dia 24, que corresponde ao mês de dezembro). No dia em que chover, o mês correspondente será de chuva, e naquele dia em que não chover, o mês correspondente será seco. Outra experiência consiste em colocar seis pedras de sal, representando os seis primeiros meses do ano, sobre um plano, no "sereno", na noite de Santa Luzia. Pela manhã, a pedra que mais estiver dissolvida representa o mês mais chuvoso do ano que se segue. Se essas experiências deram resultados negativos, o sertanejo, apreensivo, começa a pensar nos horrores da seca e na possível necessidade de retirada. Também são desanimadas as perspectivas do ano seguinte se, em novembro ou dezembro, não chover no oeste do Piauí. Isto porque a estação "invernosa" piauiense precede a porção oriental do Nordeste. (Andrade, 2005. p.58)

A ficção de Campos tem suas bases no mundo material, o uso do conhecimento popular para a previsão de fenômenos da natureza ainda é preservado no sertão cearense, anualmente ocorre no IFCE do município de Quixadá o Encontro de Profetas da Chuva que tem como objetivo valorizar os conhecimentos populares e divulgar as profecias sobre a quadra chuvosa no estado para o ano subsequente. Em 2025, a profetisa Maria Lourdes Leite Lemos, de 87 anos, previu bom inverno e se ampara nos ensinamentos repassados por seu pai para fazer previsão, em entrevista concedida ao Jornal O Povo explica:

Meu pai sempre dizia ‘minha filha, vamos fazer as profecias de 13 de dezembro, dia de Santa Luzia’. Era uma taubinha com pedras de sal para se começar de janeiro até julho. Se aquelas pedrinhas de sal desmanchassem todinhas, que molhasse a taubinha, aí seria um bom inverno” (Jornal O Povo, 2025).

Muitos dos aspectos e costumes da tradição oral que formam a cosmovisão do povo nordestino tem se perdido com a ascensão da modernidade, o homem pouco a pouco vira de costas para a natureza e se recolhe em seu mundo artificializado, uma geografia telúrica também é um chamado para se voltar à natureza e se perceber como parte integrante dela. O patriarca da família que habita a casa de Campos evidencia a relação visceral entre homem e terra: “A natureza traz em si o dom de revelar o que está por vir a acontecer. É sentir o que dizem os quatro elementos, mas o homem vive à mercê dos seus quatro humores e não atenta ao seu redor” (Campos, 1998. p.14).

Enfim as preocupações com a escassez chegam ao fim no romance naterciano, passado séculos a paisagem já é outra, chegaram as tecnologias de convivência com o semiárido e a casa que um dia tanto ansiou pelo cair das gotas em suas telhas se encontra submersa em um açude:

Alguém do grupo revelou em voz alta do meu alpendre: - Esta casa ficará dentro do contorno da bacia hidráulica. A grande barragem será construída em torno deste remanso. A casa irá para o fundo das águas. Inundou-me, ao ouvi-lo, a mesma sensação alvissareira quando fui tocada pela primeira chuva. Senti que renasceria submersa no mundo das águas. Veio-me a expressão feliz do meu primeiro dono: "Ó criatura de Deus! Foi minha estrela, minha sorte!" (Campos, 1998. p.88)

## 5 CONCLUSÃO

Em um mundo onde as barreiras entre os conhecimentos são revistas, a Geografia se expande horizontalmente ampliando suas possibilidades. Na literatura, a ciência geográfica se encontra com Natércia Campos, lendo geograficamente sua obra e buscando as espacialidades e geograficidades em “A Casa”. Através das páginas do romance foi possível inferir as origens das paisagens construídas pela genialidade da autora.

O “sertão-de-dentro”, se configura como um ponto de convergência entre as referências bibliográficas de Campos, bem como das suas raízes sertanejas e lusitanas. Natércia, tem um estilo de escrita poético e metafórico se distanciando de outros romances regionalistas, a paisagem sertaneja do romance é construída de forma material (Espacialidade) e de forma subjetiva na relação afetiva entre o homem, a terra e sua habitação (Geograficidade).

São muitas as geografias possíveis na obra de Natércia Campos e a bibliografia até então produzida não esgotou todas as possibilidades de temas possíveis de serem investigados. A interdisciplinaridade é cada vez mais presente na produção do conhecimento, inclusive na educação básica. As novas diretrizes nacionais para a educação visam uma maior proximidade entre as áreas do conhecimento, nesse sentido, é possível apontar a investigação das possibilidades da interdisciplinaridade entre literatura e geografia na escola, propondo trabalhar conceitos e temas da geografia, nos textos produzidos por Natércia, não só em “A Casa” mas também em “Iluminuras”, “Por Terra de Camões e Cervantes”, “A Noite das Fogueiras” e outros, também numa tentativa de estudar geografia através das lentes da tradição nordestina e cearense.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Ida. **A literatura é uma geografia?** *Revista Geografia, Literatura e Arte*, v. 1, n. 2, p. 20–34, jul./dez. 2018. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/geoliterart/article/view/140269>>. Acesso em: 30 jul. 2024
- BALDIN, Rafael. **Sobre o conceito de paisagem geográfica.** *Paisagem e Ambiente*, São Paulo, v. 32, n. 47, p. 1-17, 2021. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/180223>>. Acesso em: 11 out. 2024
- BARBOSA, Liriane Gonçalves; GONÇALVES, Diogo Laercio. **A paisagem em geografia: diferentes escolas e abordagens.** *Élisée - Revista de Geografia da UEG*, v. 3, n. 2, p. 92-110, jul./dez. 2014. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/3122>>. Acesso em: 01 nov. 2024.
- CAMPOS, Natércia. **A casa.** Fortaleza: Edições UFC, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Illuminuras.** São Paulo: Scipione, 1988.
- CAVALCANTE, Tiago Vieira. **Geografia literária em Rachel de Queiroz.** Fortaleza: Edições UFC, 2019.
- \_\_\_\_\_. **A dimensão do habitar na obra A Casa,** de Natércia Campos: um olhar geosófico. *Geograficidade*, v. 1, n. 1, p. 32–43, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12806>>. Acesso em: 11 nov. 2024
- CHAVES, Sérgio Wellington Freire; SILVA, Roniê Rodrigues da. **Cartografias do 'Sertão-de-Dentro' na Obra de Natércia Campos:** Autoria Feminina Nordestina. *Revista da ABPN*, v. 14, n. 37, p. 1-20, ago. 2022. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1428>>. Acesso em: 06 out. 2024
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- DARDEL, Éric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica.** Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DAVIM, David Emanuel Madeira. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica. *Rev. abordagem gestalt.*, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 249-252, dez. 2016. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672016000200020&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672016000200020&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em: 15 jul. 2024.
- HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista: Sua Trajetória 1950-1990.** Londrina: EDUEL, 2016.
- \_\_\_\_\_. (2013). A GEOGRAFIA HUMANISTA: UMA REVISÃO. *Espaço E Cultura*, 137–147. <<https://doi.org/10.12957/espacoecultura.2008.6142>>

MACIEL, Ana Beatriz Câmara; LIMA, Zuleide Maria Carvalho. **O conceito de paisagem**: diversidade de olhares. *Sociedade e Território*, v. 23, n. 2, p. 159–177, jul./dez. 2011. Disponível em:<<https://periodicos.ufrn.br/sociedadeeterritorio/article/view/3505>> Acesso em: 05 out. 2024

MARANDOLA JR., Eduardo. **Humanismo e a Abordagem Cultural em Geografia**. *Geografia*, Rio Claro, v. 30, n. 3, p. 393–420, set./dez. 2005. Disponível em:<<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/611>> Acesso em: 05 out. 2024

\_\_\_\_\_. Eduardo; OLIVEIRA, Livia de. **Geograficidade e espacialidade na literatura**. *Geografia*, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487–508, set./dez. 2009. Disponível em:<<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/4795>> Acesso em: 01 dez. 2024

MIRELE, Bárbara. **Profetas da Chuva apontam "inverno muito bom" para 2025 no Ceará**. *O Povo*, 11 jan. 2025. Disponível em:<<https://www.opovo.com.br/noticias/ceara/quixada/2025/01/11/profetas-da-chuva-apontam-inverno-muito-bom-para-2025no-ceara.html>> Acesso em: 17 fev. 2025.

MORAES, Antônio Carlos Robert. *Geografia: pequena história crítica*. 15a edição, São Paulo, Hucitec, 1997.

SOARES, João Soares. **BREVE VISITA À CASA DE NATÉRCIA CAMPOS**. In: Academia Cearense de Letras, 2005. Disponível em: <[https://www.academiacearensedeletas.org.br/revista/Colecao\\_Diversos/Panorama\\_Literario/ACL\\_Panorama\\_Literario\\_25\\_Breve\\_visita\\_a\\_casa\\_de\\_Natercia\\_Campos\\_JOA\\_O\\_SORES\\_NETO.pdf](https://www.academiacearensedeletas.org.br/revista/Colecao_Diversos/Panorama_Literario/ACL_Panorama_Literario_25_Breve_visita_a_casa_de_Natercia_Campos_JOA_O_SORES_NETO.pdf)>. Acesso em: 10 nov. 2024

SARAIVA, Vandemberg Simão. **A Casa, de Natércia Campos**: uma epopeia do sertanejo do Ceará. Disponível em:<<http://www.inventario.ufba.br/08/A%20Casa%20corrigido.pdf>> Acesso em: 20 nov. 2024

SILVA, Rosângela Guedêlha da; FEITOSA, Márcia Manir Miguel; MORAES, Claudia Letícia Gonçalves. **A pesquisa interdisciplinar em estudos de paisagem**: intersecções fenomenológicas entre a Literatura e a Geografia Humanista Cultural no âmbito do GEPLIT. *Cadernos de Pesquisa*, v. 25, n. 4, p. 225–243, 2018. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/334410826\\_A\\_PESQUISA\\_INTERDISCIPLINAR\\_EM\\_ESTUDOS\\_DE\\_PAISAGEM\\_intersecoes\\_fenomenologicas\\_entre\\_a\\_Literatura\\_e\\_a\\_Geografia\\_Humanista\\_Cultural\\_no\\_ambito\\_do\\_GEPLIT](https://www.researchgate.net/publication/334410826_A_PESQUISA_INTERDISCIPLINAR_EM_ESTUDOS_DE_PAISAGEM_intersecoes_fenomenologicas_entre_a_Literatura_e_a_Geografia_Humanista_Cultural_no_ambito_do_GEPLIT)> Acesso em: 24 jan. 2025

ZANELLA, M. E. **Considerações sobre o clima e os recursos hídricos no semiárido nordestino**. Caderno Prudentino de Geografia, [S. l.], v. 1, n. 36, p. 126–142, 2014. Disponível em:<<https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/3176>> Acesso em: 4 dez. 2023.> Acesso em: 10 jan. 2025.